

O CAMPESinATO NA POESIA DE JOÃO DE JESUS PAES LOUREIRO

THE PEASANTRY IN THE POETRY OF JOÃO DE JESUS PAES LOUREIRO

Gutemberg Armando Diniz Guerra¹

César Martins de Souza²

Paulo Jorge Martins Nunes³

Data de recebimento do texto: 05/05/2026

Data de aceite: 30/05/2026

Resumo: João de Jesus Paes Loureiro possui obra literária reconhecida nacional e internacionalmente, focada em temas amazônicos e teve alguns de seus poemas musicados, em parceria com compositores, do Pará e outros estados. Além do poema, é autor de romances em prosa e de peças teatrais. Paes Loureiro escreveu e publicou também textos acadêmicos, como a sua tese de doutorado versando sobre cultura amazônica, além de artigos e ensaios. Nesse texto, explora-se a expressão do campesinato em seus poemas, tema que emerge com intensidade no quadro de conflitos no estado em que nasceu e vive, o Pará, pauta frequente do noticiário da grande imprensa nacional e internacional. A violência no campo entra em sua produção com força dramática na complexa e excludente estrutura fundiária paraense e brasileira.

Palavras-chave: Camponeses. Violência no Campo. Amazônia. Paes Loureiro. Literatura e Sociedade.

Abstract: João de Jesus Paes Loureiro has a literary work recognized nationally and internationally focused on Amazonian themes, and has some of his poems set to music in partnership with composers from Pará and other states. In addition to poetry, he is the author of prose novels and plays. Paes Loureiro has also written and published academic texts, such as his doctoral thesis on Amazonian culture, as well as articles and essays. This text explores the expression of the peasantry in his poems, a theme that emerges with intensity in the context of conflicts in the state where he was born and lives, Pará, a frequent topic in the news of the major national and international press. Violence in the countryside enters his work with dramatic force in the complex and exclusionary land structure of Pará and Brazil.

Keywords: Peasants. Violence in the Countryside. Amazon. Paes Loureiro. Literatura and Society.

¹ Doutor em Socioeconomia do Desenvolvimento pela École des Hautes Études - EHESS, Paris, França, Professor voluntário do Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas do Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares da Universidade Federal do Pará. Escritor de artigos, ensaios, poemas e crônicas.

² Professor do INEAF/UFPA, atuando também junto ao Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas. Mestre em Antropologia/UFPA. Doutor e Pós-Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense.

³ Doutor em Letras; professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação, Linguagem e Cultura da Universidade da Amazônia; professor da Universidade do Estado do Pará, onde atua na graduação em Letras e no Programa de Pós-graduação em Educação; membro titular do Instituto Histórico e Geográfico do Pará; Paulo é ensaísta e poeta.

Introdução

A vasta obra escrita e referenciada de João de Jesus Paes Loureiro, nascido 23 de junho de 1939, na cidade de Abaetetuba-PA, foi iniciada publicamente em 1960, a partir de sua militância estudantil em Belém, mas sua ligação com a Amazônia vem de berço, de sua cidade natal, onde o autor vive seus primeiros anos de vida, enovelado na cultura que viria a se espelhar impregnada nos seus trabalhos acadêmicos e literários, com elementos da natureza e sociedade amazônicas, que exalam a cada palavra, em verso e prosa, espaiada ao longo de sua vida. Esses aspectos vêm descritos nas análises feitas por seus prefaciadores: Benedito Nunes (LOUREIRO, 2020) e Otávio Ianni (LOUREIRO, 2020), inseridas em suas *Obras reunidas* (LOUREIRO, 2020).

Na concepção de Lagrave (1980), o campo existencial exerce influência sobre a obra dos escritores e pesquisadores, assim como, na análise de Guerra (1999) o lugar de origem e a infância costumam ser uma marca profunda. No caso específico de João de Jesus Paes Loureiro, existe em sua produção uma forte presença de povos indígenas, comunidades ribeirinhas e quilombolas, e de categorias denominadas em seus trabalhos de posseiros, colonos, camponeses, trabalhadores agrícolas, lavradores, trabalhadores assalariados e escravizados, todos estes submetidos a processos econômicos e culturais relacionados a problemáticas fundiárias e ambientais na Amazônia. A expressão das contradições e conflitos violentos no Estado do Pará nas obras de Paes Loureiro, traz a literatura como matéria-prima das ciências sociais, possibilitando estudos em diversas áreas, como da Antropologia e da Sociologia Rural.

Os estudos sobre o campesinato amazônico têm despertado o interesse de pesquisadores da região, como Costa (2012) e Hebette (2004), assim como outros que atuam em universidades de outras regiões brasileiras, como Ianni (1979), Velho (1972), Esterici (1987), Martins (2009 e 2010), e também de outros países, como Schmink & Wood (2012), os quais analisam não apenas os conflitos fundiários, mas também a complexidade presente nas diferentes formas de expressão das identidades das categorias presentes no campo amazônico. As poesias e prosa de Paes Loureiro trazem a contradição entre o latifúndio e o capital, que se tornam mais evidentes na região a partir da década de 1950, devido às políticas governamentais de integração da Amazônia à economia mundial (MARTINS DE SOUZA, 2014).

João de Jesus Paes Loureiro publicou seu primeiro poema, *Canto Angustiado*, que trata dos trabalhadores da cana em Abaetetuba, no Caderno *Violão de Rua*, editado pelo Centro Popular de Cultura, da União Acadêmica Paraense, no começo da década de 1960 (NUNES, apud LOUREIRO, 2020). É poesia engajada que evidencia, já naquele momento, o seu labor literário, toda sua *(pá)lavra-enchada*, metáfora que associa a argamassa de sua linguagem à sua narrativa biobibliográfica.

Esse período, como afirma Fico (2001), é o tempo da fertilidade da esquerda que vai sofrer um duro golpe da direita que se articulou com instituições do Estado brasileiro e setores das elites para fazer o Golpe civil-militar de 1964, que arrancou do poder o então presidente João Goulart, com a finalidade de maltratar, prender e matar os signatários das utopias e projetos libertários, assim como todos os opositores ao regime ditatorial.

O poeta sofre as mais duras consequências do golpe de estado: espancamento, prisão, tortura e apreensão de sua obra poética inaugural, *Tarefa*, livro de poemas, publicado pela primeira vez em 1964, “desovado” na baía do Guajará pelos agentes da ditadura civil-militar, obra que foi resgatada 25 anos depois, reimpressa e “devolvida” a leitores e leitoras (LOUREIRO, 2020).

Os dramas vivenciados pelo autor, devido a sua atuação política no movimento estudantil, surgem com marcante presença em suas obras literárias. É a literatura, como afirmam Eco (1994) e Eagleton (2020), repleta de figuras de linguagem em suas construções que manifestam um caráter de subversão contra formas, ordens e lógicas possibilitando a comunicação entre um público-leitor com as ideias e reflexões propostas pelos escritores.

Eagleton (2020) argumenta que, mesmo quando a literatura se entrecruza com aspectos das próprias biografias de seus autores, não são expressas destas, pois são uma possibilidade de realidade, se encontram no universo da criação artística e assim dentro de campos simbólicos, atravessados pela liberdade da criação e da manifestação do eu poético. O autor afirma que todos os sujeitos da literatura, incluindo o eu-poético e o narrador, são personagens se comunicando com o público-leitor e devem ser lidos e analisados sob esse prisma.

É nesse sentido que as obras de Paes Loureiro trazem um diálogo com aspectos do drama social vivenciado pelos camponeses e outros sujeitos do campo amazônico que, como na análise de Eco (1994), ainda que tragam narrativas relacionadas a eventos ocorridos, não são reflexo da realidade, nem das sociedades, mas criações narrativo-poéticas, dentro da liberdade do autor na construção da literatura.

No presente artigo, nos detemos em parte da obra de Loureiro, que provoca reflexões sobre conflitos do campo, desafios de camponeses e comunidades e povos tradicionais, com reflexões sobre violência, sobre problemas fundiários, bem como nos desafios cotidianos enfrentados pelas populações do campo e povos e comunidades tradicionais na região, sob forma de criação literária, levando ao diálogo e problematização sobre os dramas dessas populações na Amazônia brasileira.

Dramas do campo amazônico na literatura

Uma criação literária de Paes Loureiro que tem os dramas do campo amazônico como temática é *Tarefa*, que inicia com o poema *Oferenda*, declarando, desde o primeiro verso, sua ligação com o campo, como as práticas de cultivo, buscando, por exemplo, nos trazer problematizações relacionadas à etimologia da palavra cultivo que, originalmente, significava cultivar, plantar. Do ponto de vista literário, a ideia foi associada em *Tarefa* como metáfora ao ato de escrever, que revela a tendência metalinguística, uma das características mais marcantes da obra literária de Paes Loureiro:

Eis a tarefa: arar o solo.
Soergo a pá. Verso.
Cavo
Terra do plantio.
Da colheita.
Sou lavrador
Lavrando o amor
Lavrando a dor
Plantando pés de esperança.
Canaviais.
Meu livro: ar
Pão
Do povo!
Guerrilheiros de amor.
De liberdade. (LOUREIRO, 2020, p. 351).

A palavra “tarefa” imediatamente pode, de um lado, ser associada à medida de área muito comum entre os camponeses brasileiros, e de outro, a uma atividade, trabalho que se deve cumprir. Nestes versos, o poema expressa uma riqueza semântica explorada pelo poeta, que imediatamente a associa a outro procedimento ligado ao trato do campo: arar. O termo arar remete ao preparo do terreno para o plantio, tanto quanto evoca rusticidade, agressividade, vigor laboral, mas principalmente, do ponto de vista agrônomo, está ligado à aeração do solo para que os nutrientes fiquem disponíveis, principalmente em se tratando

de solos endurecidos em países tropicais, ou congelados, em países de clima temperado, conforme refletimos em trabalho anterior (GUERRA; MENEZES, 1999). O autor, se vale, portanto, da polissemia na linguagem literária para abordar diversos temas em uma mesma passagem (ECO, 1994).

O reforço ao trabalho agrícola que se manifesta na obra do poeta em análise se adensa com o termo “pá” em movimento pelo verbo “soerguer”, conjugado na primeira pessoa, seguido de outro significado que remete ao inverso, “cavar”; este jogo verbal, ressalte-se, tensiona o discurso do texto. A identidade camponesa, como afirma Shanin (2005) se intensifica com os indicativos de início, meio e fim da atividade campesina, o plantio, o lavar e a colheita, avançando, na obra de Paes Loureiro, para finalizar com os significantes, simbólicos substantivos, “povo”, “pão”, “amor” e “liberdade”, estes últimos, que aparecem no final do poema. Não há acaso na seleção e no emprego das palavras, visto que elas traduzem um conteúdo sonoro e imagético que evocam e mobilizam conceitos sociais e políticos, o que atesta a expressividade discursiva do excerto do poema.

A identidade abaetetubense de Paes Loureiro emerge a cada vez que alguém se refere a ele, como sua esposa e filhos na apresentação de *Tarefa* após a recuperação e lançamento desse livro inicial (LOUREIRO, apud LOUREIRO, 2000, p. 347). Vamos encontrar a presença dos camponeses na obra poética de Paes Loureiro, explicitado nas suas diferenciadas terminologias associadas a diversos modos, estilos, meios de vida e relações distintas com a fauna, flora e com aspectos socioeconômicos. Na trilogia conhecida como *Cantares Amazônicos*, lançada entre 1979 e 1982, *Porantim* (1979), *Deslendário* (1981) e *Altar em Chamas* (1982), a presença da natureza e das populações tradicionais estão manifestadas de maneira contundente em alguns poemas dos dois primeiros livros. *Altar em Chamas* tem poemas de perfil urbano (embora os textos Baíra e suas experiências I, II e III façam dialogar o urbano e o interiorano), o que caracteriza uma abordagem diferenciada, em relação a *Porantim* e *Deslendário*.

No Cântico XXV de *Porantim* (2020, p. 68-69), a ruralidade se declara intensa e com a precariedade do trabalho para se obter a subsistência, o consumo familiar e a relação com o mercado. Vejamos:

Na colheita
Maneбраço
colhe canas

terçados

castram caules
de doçura

no melaço
Manebraço
mela mãos

Mãos de colher
alheio
o seu não

Manebraço
transumância
aviamento

povoamento
escambo
compadrio

dispersão
solidão
Manetristre

Mané-só
Manelátex
Manepeixe

Manemargem
Manemargem
Manemargem

do produto
Manebraço
ganha ganas

vida em tempo
marcada
e duras penas.

Aqui podemos ver citações diretas de atividades ligadas ao trabalho e à vida no mundo rural, com a citação de práticas como plantar e colher, tanto quanto instrumentos ligados a essas atividades, sejam partes do corpo, como as mãos e os braços, seja através de ferramentas, como o terçado. Ainda ligando o tema à atividade rural, elide-se a cana ou partes da planta como o caule, ou o produto dela processada como o melaço. O nome simplificado como apelido de Manoel é ressignificado, através de variantes do nome próprio: Manetristre, Mane-só, Manelátex, Manepeixe, Manebraço, Manemargem vêm entrelaçados e se misturam com palavras que traduzem deslocamentos (transumância) ou relações comerciais ou sociais mascarando dominação (aviamento, escambo, compadrio), ou de estar no mundo (povoamento, dispersão, solidão), ou simplesmente se funde para expressar sentimento

(Manetriste, Mane-só) ou os produtos que ele coleta (Manelatex) ou pesca (Manepeixe) para se fechar em Manemargem, três vezes repetido e depois acompanhado de um fim em “duras penas”.

“Deslendário” é provavelmente um dos textos mais marcantes de João de Jesus Paes Loureiro, visto que ele trata da saga dos povos tradicionais amazônicos, a começar pela citação de depoimentos que revelam a violência da disputa pela terra na região, relatos que remetem ao Inferno do clássico italiano de Dante Alighieri, dado o grau de perversidade e sofrimento que encerram.

Vale destacar, nessa linha de raciocínio, o seguinte excerto: “Eu e meu marido não temos um lugar para morrer. Mas tem meu filho continuado vivo e ele precisa de terra. Terra de viver”. Cecília Lopes Paumari. Intervenção na Grande Assembleia dos Chefes Indígenas no Lago Mahão, no Rio Xingu. (LOUREIRO, 2000, p. 99). Nessa fala podemos ter claro a importância do território enquanto espaço de subjetividades e construções culturais para os povos originários do Brasil.

A terra para comunidades e povos tradicionais do país, não se traduz em significados econômicos, mas em como está associada ao pertencimento na construção do território. É o que Krenak (2020) vai referir como a diferença marcante entre o que chama de concepções do povo do mercado com as epistemologias dos povos indígenas no tocante à terra, floresta e formas de vida. Krenak (2020) defende ainda que não se deve transformar as variadas formas de vida em úteis, para ganhos econômicos, pois elas possuem sentido e importância em si mesmas e essa é um aspecto importante que vai demarcar diferenças epistemológicas dos povos indígenas para as sociedades capitalistas.

Esses diferentes significados, na poesia de Paes Loureiro, explicitam os ciclos entre morte e vida. Há que se ter um lugar para os idosos morrerem, mas esse tem que ser, ao mesmo tempo, o lugar de vida dos jovens. No depoimento, presente em *Porantim* (LOUREIRO, 2020) vem embutida a preocupação intergeracional que dá sentido de continuidade à relação com o espaço vivido, e as diferentes concepções relacionadas a eles, bem como ao significado e ressignificado.

Noutro excerto, que remete ao registro jornalístico, temos: “os jagunços derrubaram minha casa e levaram até as paxiúbas... Também arrebutaram a casa do vizinho, levando a sacaria de arroz, redes, cobertas, todas as coisas, enfim.” Joaquim da Silva Gomes, posseiro. Depoimento. (Idem). Vejamos que a destruição da moradia das famílias se acresce da expropriação dos instrumentos que permitiriam a permanência, resistência ou intenção de

ficar no lugar, como as paxiúbas que servem para triturar e ralar as raízes que servem de alimentos, ou a sacaria utilizada para armazenar o arroz colhido, as redes de dormir que permitiria o repouso e a de pescar, utilizada para captura de alimento proteico e ainda as cobertas, para proteger do relento ou da frieza das noites. “Todas as coisas, enfim” são surrupiadas para baixar completamente a capacidade de resiliência dos expropriados. No Seringal Nova Empresa, de 7.000 hectares, no Acre, onde habitam 500 famílias, os jagunços, contratados pelos fazendeiros, incendiaram casas de posseiros que, por vingança, deitaram fogo no barracão da dita empresa”. Dos jornais (Idem). Não há como não associar este registro ao texto de Alighieri: “O morto é morto, o vivo é como tal: quem viu o fato verdadeiro, mais do que eu não o viu, nem era tão real.” Dante Alighieri – A Divina Comédia. “Purgatório”, Canto XII (678-69) (Idem).

É o drama dos seringais amazônicos que atravessam outras narrativas literárias e apontam para personagens históricos como Chico Mendes, ou a para a formação de diversas cidades da região, como Altamira, em diferentes períodos e ao custo da violência e exploração de trabalhadores, através de práticas como aviamento e da utilização de jagunços e outros personagens, empregados pelos chamados seringalistas, com o fim de pressionar e impor práticas marginalizantes aos seringueiros na Amazônia (MARTINS DE SOUZA; SERRA NETO, 2008).

Paes Loureiro mergulha assim nos dramas amazônicos, relacionados à violência no campo e exploração contra os camponeses. É o que Marília Emmi (2002), em seus estudos sobre o campesinato, coronelismo e os castanhais na Amazônia, vai problematizar como uma diversidade de formas de expropriação e exploração dos trabalhadores do campo, retirando-lhes até mesmo a individualidade e a liberdade, em cenários marcados por uma variedade de formas de violência.

Note-se que o revide, quando há, vai para as páginas da grande imprensa, como na terceira citação em que uma “vingança” é feita com o incêndio no barracão da empresa que emprega jagunços – e certamente que esse barracão poderia ser justamente o local de alojamento das forças paramilitares que fizeram a barbárie de desalojar 500 famílias. É a reação à violência organizada pelo coronelismo e latifúndio contra os camponeses e que vai marcar a dura “marcha do trabalhador rumo à cidadania”, como discutem Hebette & Moreira (1997), em seu estudo sobre a construção histórica de formas de organização de agricultores no Sudeste do Pará, por direitos fundamentais e acesso à terra.

Da violência às esperanças no campo amazônico

As violências reveladas, denunciadas, expostas podem ser compreendidas incisivamente com a leitura que se pode fazer do poema “Rostos da Amazônia ou Deslenda Rural”, aberto com um trecho de pronunciamento papal: “Esta situação de extrema pobreza generalizada adquire, na vida real, rostos muito concretos.” João Paulo II. “Discurso inaugural de Puebla” (Sic). Verificamos que o texto em epígrafe, traduzido livremente para o português, se encontra no documento conclusivo da III Conferência Geral do Episcopado Latino Americano, realizado em Puebla. Trata-se de Homilia pronunciada no Seminário Palafoxiano de Puebla, datada de 28 de janeiro de 1979.

I
As monetárias mãos
Cravos do latifúndio
Rasgam o rosto da terra
As monetárias mãos
Remos do latifúndio
Rasgam o rosto das águas.
As monetárias mãos
Balas do latifúndio
Rasgam o rosto dos homens.

II
Amazonia, escaravelho
Espelho contra espelho
Vírus verde
Ária de adeus
Na voz de um deus ardido
Em áreas de grilagens,
Desmatagens
E cordeiros de réus castrados mato-a-dentro.
O rosto, aqui, é o mito repontando
A confrontar o eterno
- Inferno ou Édem...
Oh! Decomposto pasto sem sorriso,
Repasto de rituais
Máscara efêmera
Tatuagem do infinito
Grito calado
Em ramo dessangrado da linguagem.
É esse rosto que agora, vem à tona do Riomar
O Rei dos Rios
Escravizado
Entre barrancos de dólares,
repesado na balança de libra.
É rosto hipotecado
Tristerrosto
Por onde pescadores e posseiros,
Tapuios e boiúnas, olham o tempo.
Cada rosto, aqui, é imposto à lenda.
(O haver de ser. O não seria. O que não foi.)
Agora, o rosto oposto à santidade
É o rosto da Jari contra o de Antonio,

Da Liquifarma contra o do Xikrin,
Da Grande Empresa contra o Lavrador.

Então é rosto alguém, É rosto ser.
É rosto identidade.
Rosto gente.
Rosto de tronco e membros,
Da cabeça aos pés.
Rosto sem sorrisos.
Rosto em linguagem.
Rosto sem terra.
Rosto sem direitos.
Rosto sem.
Rosto sem.
Rosto sem.
E, mais além,
rosto só medo
rosto só risco,
rosto só menos...

São indígenas rostos indigentes
Perdidos de suas terras
Perdidos de suas tribos
Perdido o itinerário do regresso.
O horário do destino perdido. Noçoquém.
Perdidos de seus mortos
(que a lua
Sobre o nada das queimadas
Já não faz eternos...)

Perdidos em sarampos, cataporas
E doenças venéreas, sanguessugas.
Metralhados de helicópteros, tocaias.
Rostos nossos avós
Em reservas de medo confinados.

Camponeses são rostos aterrados
Grilados pelo engano
Repregados
pelos cravos capitais da Grande-Empresa
na sua cruz rural.
Rostos contemplando sob os pés
A terra, outrora sua, agora alheia.
Rostos agrários, áridos
Lavrados
Pelos arados do lucro, mais valias.
Rostos da terra
Que insistente beijei com meus poemas.
Terra desterrada de si mesma.
Rosto
A se perder de sua face.
Terra a esmo.
A carregar no ombro
Em seu calvário agrário
O peso de aracruz.
E o partilhado manto mineral
Entre multinacionais centuriões...)
Rosto que só entende

- perdida a inocência –
Os gemidos da terra
Curvada sob as safras;
Os gemidos do rio
Curvado sob as ondas;
Os gemidos do homem
Curvado sob a vida...
E já não colhem os Xikrin
Pentelhos nas cunhãs,
Pois a noite que dormia no útero das águas
Agora acorda na insônia dos colonos
Esburacada de balas dos jagunços.

III

Senhor,
Por que me abandonaste
Aos que me crucificam
Em minha terra
Em meu salário
Em minha fome...

Senhor,
Por que me abandonaste
Aos que lançaram dólares
Em minha terra
Em meu salário,
Em minha fome...

Senhor,
Por que me abandonaste
Aos que me amortalam
Em minha terra
Em meu salário
Em minha fome...

Tomai e comei
Este é meu corpo
Redividido em lucro e latifúndio.

Tomai e bebei
Este é meu sangue
Redividido em ouros e minérios.
Tomai e bebei
Este é meu povo
Redividido em braço e mais valia.

Amazônia! Amazônia!
Quem te ama?

Nas quebradas do silêncio
- Capoeira, mato adentro, terras do sem fim -
Uma cunhã violada cava a cova
E enterra o Uirapuru baleado por grileiros
Que com posseiros disputavam a terra
E ouve uma canção de consumo em videoteipe...
(LOUREIRO, 2020, p. 109-114).

O termo mais expressivo do mote do poema, rostos, é dado pelas palavras da maior autoridade cristã do mundo ocidental e vem atravessado pelo conceito de classes sociais em conflito, tendo como protagonistas as diversas formas de expressão de habitantes do meio rural amazônico em tumultuado e violento processo de transformação. Para quem está habituado na análise sociológica calcada no conceito de classes e nos marcos do capitalismo, os termos que põem em relevo o capital, também em suas diversas formas de expressão (monetária, empresarial, lucro, mais valia...) são evidentes e propositadamente repetitivos, ecoando ao longo do poema, dando-lhe ritmo, o tom massacrante da exploração (MARX, 1987).

É quando o poeta usa de sua habilidade em manejar as palavras para, assim, persuadir para a causa dos trabalhadores rurais, para desenvolver suas críticas sociais contra a lógica de exploração e expropriação impostas por setores majoritários politicamente e economicamente na sociedade. Uma causa que, como afirmam Carvalho & Bicalho (2023), enfrenta o discurso da modernização do agro, ao mesmo tempo em que se assiste à renovação de velhas práticas de extorsão e violência contra camponeses no Brasil.

Curiosamente, em que pese a citação da fala de João Paulo II (1979), o discurso inaugural de Puebla é crítico em relação às interpretações feitas sobre o cristianismo engajado politicamente, como o foi e é aquele identificado como a Teologia da Libertação. O Papa desautoriza os usos políticos do Evangelho, em um pronunciamento doutrinário conservador e questionável do ponto de vista da empatia que pudesse lhe associar aos oprimidos. A diferença maior entre ativistas políticos de esquerda e cristãos conservadores nesse sentido, é a impossibilidade dos conservadores em pensar um reino de Deus começando nesse mundo, como propõem os ideólogos das teologias ancoradas na denúncia ao conceito de classe como detentoras dos meios de produção (terra, trabalho e capital), como explicitam os clássicos da economia (SMITH, 2009, MARX, 1977).

A primeira estrofe do poema de Paes Loureiro tem como elemento estético mobilizador palavras grafadas em erre (monetárias, cravos, rostos, rasgam, terra, remos) que transmitem a aspereza do tratamento do capital aos recursos naturais (terra, águas) e humanos (homens). São significantes que revelam o conflito e suas características de perversidade e opressão física e violência armada (balas do latifúndio).

Verificamos que, à citação do documento papal que inspirou o poeta, o mote dos ‘rostos’, outros itens se seguem, de 32 a 38, descrevendo os rostos dos oprimidos que

estariam representando a semelhança com Cristo, em um movimento de empatia e que justifica a opção pelos pobres.

32. —rostros de niños, golpeados por la pobreza desde antes de nacer, por obstaculizar sus posibilidades de realizarse a causa de deficiencias mentales y corporales irreparables; los niños vagos y muchas veces explotados de nuestras ciudades, fruto de la pobreza y desorganización moral familiar; 33. —rostros de jóvenes, desorientados por no encontrar su lugar en la sociedad; frustrados, sobre todo en zonas rurales y urbanas marginales, por falta de oportunidades de capacitación y ocupación; 34. —rostros de indígenas y con frecuencia de afroamericanos, que, viviendo marginados y en situaciones inhumanas, pueden ser considerados los más pobres entre los pobres; 35. —rostros de campesinos, que como grupo social viven relegados en casi todo nuestro continente, a veces, privados de tierra, en situación de dependencia interna y externa, sometidos a sistemas de comercialización que los explotan; 36. —rostros de obreros frecuentemente mal retribuidos y con dificultades para organizarse y defender sus derechos; 37. —rostros de subempleados y desempleados, despedidos por las duras exigencias de crisis económicas y muchas veces de modelos de desarrollo que someten a los trabajadores y a sus familias a fríos cálculos económicos; 38. —rostros de marginados y hacinados urbanos, con el doble impacto de la carencia de bienes materiales, frente a la ostentación de la riqueza de otros sectores sociales; 39. —rostros de ancianos, cada día más numerosos, frecuentemente marginados de la sociedad del progreso que prescinde de las personas que no producen. (JOÃO PAULO II, 1979).

É o documento eclesiástico encontrando a poesia que adentra no profundo da marginalização no Brasil profundo que o país parece não querer enxergar. O drama de processos de expropriação e violência que se estabelecem em processos que Martins (1982) vai chamar de a normalização das ilegalidades e agressões, que podem até mesmo se transformar, em alguns espaços, em práticas cotidianas a violência física e emocional contra camponeses.

Considerações finais

Embora o emprego da categoria campesinato seja controversa nos estudos antropológicos e sociológicos, tanto quanto nos textos religiosos, na reapropriação poética feita por João de Jesus Paes Loureiro, assume o caráter de denúncia do conflito presente na Amazônia dos séculos XX e XXI, graças à chegada das empresas capitalistas representadas com maior intensidade pelos setores da mineração e do agronegócio.

A dramaticidade do conflito é posta com o uso de recursos estéticos dominados habilmente pelo poeta, que realça em tons de sacralidade pela intertextualização feita com a figura de Cristo, numa espécie de releitura feita pelos missionários da teologia da libertação,

ancorados em encontros e documentos sancionados pelas autoridades eclesiásticas do mundo católico que, desde o início do século XX, disputam o poder com a militância política de partidos referenciados no materialismo histórico. Ambas, religiosos e militantes de esquerda, têm em comum a centralidade da cena com atores das diversas formas de expressão do campesinato, tanto quanto do operariado urbano e rural que se contrapõem aos poderosos detentores do capital e do latifúndio.

Paes Loureiro, mais do que construir poesia, o faz como quem enxerga por dentro, com o olhar quase etnográfico, os dramas vivenciados por camponeses e povos e comunidades tradicionais em diferentes espaços da Amazônia. Ao mesmo tempo, ele traz a literatura ao seu lugar de ir além dos olhares consolidados na sociedade, para se constituir enquanto espaço de reflexão, denúncia e, porque não falar, transgressão contra os verdadeiros transgressores que muitas vezes se colocam como os responsáveis pela manutenção da ordem, como forma de legitimar a opressão contra trabalhadores e trabalhadoras do campo.

Ler João de Jesus Paes Loureiro é mergulhar nessas águas profundas e tumultuadas do conflito, nas cobiçadas terras e águas da Amazônia; sua literatura faz aguçar o senso crítico dos leitores sobre o processo desigual de apropriação e degradação da natureza e pensar sobre um grave problema que afeta a região, atravessada por um sistema oligárquico que, apesar das mudanças nas nomenclaturas, perdura ao longo dos séculos no país.

O campo amazônico na obra de Paes Loureiro, convida a tomada de consciência das consequências da atividade econômica, sem freios nem condicionantes sociais, bem como de preconceitos, racismo e práticas estigmatizadoras, infelizmente ainda existentes no Brasil e que provocam acentuadas perdas, bem como violências contra camponeses e comunidades e povos tradicionais na Amazônia brasileira.

Referências

CARVALHO, I. Simoni Homem de; BICALHO, Ramofly. O campesinato brasileiro. **Princípios**, n. 66, p. 74-91, 2023. Disponível em <https://revistaprincipios.emnuvens.com.br/principios/article/view/256>. Acesso em 02.fev.25.

COSTA, F. A. **Formação agropecuária na Amazônia**: os desafios do desenvolvimento sustentável. 2. ed. Belém: Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, 2012.

EAGLETON, Terry. **Como ler literatura**. Porto Alegre: L&PM, 2020.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

EMMI, Marília. Os castanhais do Tocantins e a indústria extrativa no Pará até a década de 70. **Papers do NAEA**. Belém, n. 166, p.1-24, 2002. Disponível em <https://periodicos.ufpa.br/index.php/pnaea/article/view/11631>. Acesso em 04.jan.24.

ESTERCI, Neide. **Conflito no Araguaia**: peões e posseiros contra a grande empresa. Petrópolis,:Vozes, 1987.

FICO, Carlos. **Como eles agiam - os subterrâneos da ditadura militar**: espionagem e política. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GUERRA, G. A. D.; MENEZES, Maria de Nazare Angelo. Do conceito de fertilidade ao de sustentabilidade. **Novos Cadernos NAEA**, Belém, v. 2, n.2, p. 139-157, 1999. Disponível em <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/113>. Acesso em 09.set.25.

GUERRA, Gutemberg Armando Diniz. **Chercheurs et Syndicalistes pour un autre développement rural**. L'expérience de recherche action dans l'État du Pará – Brésil. Paris: EHESS, 1999.

HEBETTE, Jean; MOREIRA, Edma Silva. A marcha do trabalhador do campo rumo à cidadania: domínio da terra e estrutura social no Pará. **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, v. 11, n.2, 1997, p. 119-127. Disponível em http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v11n02/v11n02_14.pdf. Acesso em 20.fev.24.

IANNI, Octávio. **Colonização e contra reforma agrária na Amazônia**. Petrópolis, Vozes, 1979.

JOÃO PAULO II. Homilia pronunciada no Seminário Palafoxiano de Puebla em 28 de Janeiro de 1979. III Conferência Geral do Episcopado Latino Americano. Puebla de los Angeles, 28 de Janeiro de 1979. Disponível em https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/january/documents/hf_jp-ii_spe_19790128_messico-puebla-episc-latam.html. Acesso em 31.mai.24.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LAGRAVE, R. M. **Le village romanesque 1950-1960**. Le Paradou: Bouches du Rhône, Actes Sud, 1980.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Obras reunidas**. São Paulo: Escritura Editora, 2020.

MARTINS DE SOUZA, César; SERRA NETO, Itamar Zuqueto. De migrantes nordestinos a seringueiros no Xingu: história, memória e literatura em *A batalha do Riozinho do Anfrísio*, de André Costa Nunes. In: **Histórias do Xingu**: fronteiras, espaços e territorialidades. Belém: EDUFPA, 2008, p. 215-234.

MARTINS DE SOUZA, César. Ditadura, grandes projetos e colonização no cotidiano da Transamazônica. **Revista Contemporânea**, v. 1, p. 1-19, 2014. Disponível em: http://www.historia.uff.br/nec/sites/default/files/5_Ditadura_grandes_projetos_e_colonizacao_no_cotidiano_da_Transamazonica.pdf. Acesso em: 01 out. 2016.

MARTINS, José de Souza. **Expropriação e violência**: a questão política no campo. São Paulo: Hucitec, 1982.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira** – a degradação do Outro nos confins do humano. 2. ed. São Paulo: Contexto, v. 1, 2009.

MARTINS, José de Souza. **O cativo da terra**. São Paulo: Contexto, 2010.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da Economia Política**. São Paulo: Martins Fontes, 1977. Livro 1.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O Manifesto do Partido Comunista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MUSUMECI, Leonarda. O mito da terra liberta. Colonização "espontânea", campesinato e patronagem na Amazônia Oriental. São Paulo, Vértice/Editora. **Revista dos Tribunais**/ANPOCS, 1988 (Socius; 2).

NUNES, Benedito. O Nativismo de Paes Loureiro. In: LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Obras reunidas**. São Paulo: Escritura Editora, 2020.

SCHMINK, Marianne; WOOD, Charles H. **Conflitos sociais e a formação da Amazônia**. Tradução de Noemi Miyasaka Porro e Raimundo Moura. Belém: EDUFPA, 2012.

SHANIN, Teodor. A definição de camponês: conceituações e desconceituações - o velho e o novo em uma discussão marxista. **Revista Nera**, Presidente Prudente, ano 8, n.7, p.1-21, jul./dez. 2005. Disponível em <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/1456>. Acesso em 31.jan.25.

SMITH, Adam. **A Riqueza das Nações**: Uma Investigação sobre a Natureza e as Causas da Riqueza das Nações. São Paulo: Madras, 2009.

VELHO, Octavio Guilherme. **Frentes de Expansão e estrutura agrária**. Estudo do Processo de penetração numa área da Transamazônica. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

VELHO, Otávio Guilherme. **Capitalismo autoritário e campesinato**. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1979.